

**ESTRATÉGIAS NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E  
COMPORTAMENTO PRO SOCIAL NO ADOLESCENTE**

***STRATEGIES IN THE DEVELOPMENT OF SOCIAL SKILLS AND PRO SOCIAL  
BEHAVIOR IN ADOLESCENTS***

Roseli Deolinda HAUER<sup>1</sup>  
Yara Kuperstein INGBERMAN<sup>2</sup>

---

**RESUMO**

**Introdução:** Habilidades Sociais (HS) são compreendidas como um conjunto de comportamentos que torna o indivíduo capacitado a lidar com circunstâncias sociais específicas como sensibilidade perspectiva, capacidade empática, capacidade reforçadora, capacidade de auto-apresentação, assertividade e o equilíbrio emocional. O treinamento em HS pode ser utilizado como um processo de aquisição de comportamentos pró-sociais. **Objetivo:** O objetivo deste estudo foi detectar a interferência de um modelo de treinamento em Habilidades Sociais na emissão de comportamentos pró-sociais em adolescentes no contexto escolar. **Material e método:** Este artigo apresenta pesquisa de campo com intervenção, experimental e de análise qualitativa e quantitativa de resultados. Participaram 79 adolescentes do 2º ano do ensino médio de uma escola pública divididos em dois grupos: 41 no grupo experimental e 38 no grupo controle. **Resultados:** Os resultados foram tratados estatisticamente e analisados, comparando as frequências do comportamento e as respostas do Inventário de Habilidades Sociais. Os resultados sugerem que o treinamento em Habilidades Social é estratégia eficiente para o aumento do repertório comportamental pró social em adolescentes no contexto escolar, podendo, ser aplicado como caráter preventivo para evitar o desenvolvimento de comportamentos anti- sociais. **Conclusão:** Os resultados demonstraram efetividade do treinamento para a ocorrência de comportamentos pró-sociais em sala de aula. A turma experimental apresentou um aumento do tempo de comportamentos pró-sociais, em atividades normais de sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** habilidades sociais; adolescência; comportamento psicossocial

---

**ABSTRACT**

**Introduction:** Social skills are understood as a set of behaviors that make the individual capable of dealing with specific social circumstances such as perspective sensitivity, empathic ability, reinforcing capacity, self-presentation capacity, assertiveness, and emotional balance. Training in Social Skills can be used as a process of acquiring pro-social behaviors. **Objective:** The objective of this study was to detect the interference of a training model in Social Skills in the issue of pro-social behavior in adolescents in the school context. **Material and method:** This article presents a intervention experimental research, with qualitative and quantitative analysis of results. Were 79 teenagers from the 2nd year of high school in a public school divided into two groups: 41 in the experimental group and 38 in the control group. **Results:** The results were treated statistically and analyzed, comparing the behavioral frequencies and the Social Skills Inventory responses. The results suggest that training in Social Skills is an efficient strategy to increase the social behavioral repertoire in teenagers in the school context, and can be applied as a preventive character to avoid the development of antisocial behaviors. **Conclusion:** The results demonstrated the effectiveness of the training for the occurrence of pro-social behaviors in the classroom. The experimental group showed an increase in the time of pro-social behaviors, in normal classroom activities.

**KEYWORDS:** social skills; youth; psychosocial behavior

---

<sup>1</sup>Mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência pela UFPR - Coordenadora e Professora do Curso de Psicologia da Herrero – Curitiba – PR <sup>2</sup>Doutora pela USP. Professora na Especialização em Terapia Analítico Comportamental na UP.

\* Email para correspondência: roselidhauer@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época de profundas mudanças produzidas por uma sociedade industrializada, de informação globalizada, com novas tecnologias, que vem atingindo todos os setores das organizações sociais. Este ritmo acelerado e competitivo gera um contexto social no qual há necessidade de habilidades e competências cada vez mais complexas. As capacidades de inovação, auto-gestão, autonomia pessoal, auto-estima elevada estão sendo exigidas dos indivíduos, nas relações interpessoais, nas situações pessoais e profissionais.

Na sociedade, pessoas que apresentam déficits nestes comportamentos, certamente encontram dificuldades. A associação de inabilidade para expressar sentimentos, apresentar-se em situações sociais, comunicar-se eficazmente nas interações pode vir a desencadear distúrbios comportamentais como ansiedade e depressão, dificultando a adaptação às exigências da vida ou sociedade.

As Habilidades Sociais são compreendidas como um conjunto de comportamentos sociais que torna o indivíduo capacitado a lidar com circunstâncias sociais específicas como sensibilidade perspectiva, capacidade empática, capacidade reforçadora, capacidade de auto-apresentação, assertividade e o equilíbrio emocional.

Entretanto, definir um comportamento socialmente habilidoso é uma questão complexa porque a habilidade social está diretamente ligada ao contexto cultural e aos padrões de comunicação no contexto do indivíduo. Estes padrões variam amplamente entre culturas, e muitas vezes, dentro de uma mesma cultura. Variam também conforme a idade, o sexo, a classe social e a educação.

O desenvolvimento social do indivíduo inicia-se no nascimento, e a infância é um período marcado por trocas sociais. A interação social entre mãe e criança pode ser vista como a forma inicial de comportamento social. É na relação com a família, e com o desenvolvimento e ampliação das relações com os demais grupos sociais, que a criança vai construindo seu autoconhecimento, que interfere na sua maneira de lidar com as diferentes situações da vida. Este processo interativo

de socialização permite a aquisição de conhecimentos, a formação de vínculos e da formação conduta social. Esta é regulada socialmente, no sentido de que o grupo social considera adequados aprender para evitar as condutas consideradas socialmente indesejáveis e para aquisição de determinadas habilidades sociais (condutas pró-sociais); o desenvolvimento afetivo (apego e amizade) e a habilidade de colocar a si mesma no lugar de outra.

Estas habilidades podem ser desenvolvidas ao longo da vida em contextos relacionais favoráveis, ou podem ser desenvolvidas através de programas voltados ao Treino de Habilidades Sociais (THS).

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados obtidos em um programa estruturado de Treino de Habilidades Sociais, realizado com adolescentes no contexto escolar, para promover a aquisição de comportamentos

Para este estudo foi necessário analisarmos conceitos como, comportamento, aprendizagem, comportamento social, aquisição de comportamento social, falhas na aquisição, habilidades sociais e treinamento em habilidades sociais.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

O comportamento é determinado pela interação genética, história individual e o ambiente social. No contexto social, o organismo recém concebido é influenciado por seu ambiente. O contato do organismo com o mundo externo dá origem a mudanças comportamentais que chamamos de aprendizagem. O comportamento social é resultado deste processo de aprendizagem.<sup>1</sup>

A aquisição de comportamentos sociais se estabelece a partir das contingências ambientais. A família estabelece contingências que podem favorecer o desenvolvimento de comportamentos públicos e privados pró-sociais ou anti-sociais durante o processo da socialização. Comportamentos que qualquer comportamento que não seja caracteristicamente anti-social como agressão e destruição, e que envolva a interação social de dois ou mais indivíduo, pode vir a ser denominado pró-social.<sup>2</sup> A família constitui o contexto do processo de socialização, não somente garante a sobrevivência física, mas também é dentro dela onde se realizam as aprendizagens básicas que serão necessárias para o desenvolvimento da sociedade.<sup>3</sup> A aquisição do comportamento social é, portanto, determinada pela aprendizagem e ocorre nas interações, com a família e nos contextos sociais e educacionais. A partir destas interações é que se desenvolvem no indivíduo repertórios

---

Hauer RD, et al. Estratégias no desenvolvimento de habilidades sociais e comportamento pro social no adolescente. RGS; 19(2):43-59.

comportamentais. A resposta emitida é controlada pela contingência de reforçamento presente no momento em que o comportamento ocorreu. Nessa sintonia a qualidade das interações sociais propicia a emissão de comportamentos pró-sociais ou sua ausência. A aquisição dos comportamentos pró-sociais seguem as mesmas leis da aprendizagem.<sup>4</sup>

No processo da socialização, pode acontecer dos pais serem contingentes, mas usarem de culpa e ansiedade, e serem extremamente aversivos. Não importa o quanto essa criança realize ou supere-se, ela nunca será boa o suficiente para esses pais. Se a criança tentar exercer sua autonomia, poderá ser tratada com desprezo e frustração. Este tipo de relação poderá desenvolver crianças e/ou adolescentes com algumas dificuldades pró-sociais, competentes no mundo acadêmico e no trabalho, mas a maior consequência será a baixa de auto-estima.<sup>5</sup> Os comportamentos socialmente habilidosos são aqueles em que o indivíduo emite comportamentos adequados às situações interpessoais, expressando assertivamente os seus sentimentos, expondo seus desejos e opiniões, respeitando os direitos dos outros sem desprezar os próprios direitos, resolvendo adequadamente situações de conflito e agindo de forma a evitar o surgimento de futuros problemas.<sup>4</sup>

Ao se estudar o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais na criança, constata-se que parece fazer parte da natureza humana uma predisposição para a interação social: com reconhecimento individual, vinculações afetivas, o comportamento lúdico e exploratório, o compartilhar, as intervenções confortadoras, o apego e a empatia.<sup>6</sup> O termo comportamento pró-social se refere às ações sociais positivas: ser altruísta, ajudar, compartilhar, importar-se e ter empatia. Declarações empáticas contribuem para manter o foco da conversa na pessoa com quem você está falando.<sup>7</sup> Essas declarações são uma das mais eficazes maneiras para fazer com que os outros se sintam bem consigo mesmo, e mais importante, nos predispõe a gostar de quem nos deu atenção.<sup>8</sup>

No entanto, viver em sociedade exige controle. A criança deve responder discriminando estímulos sociais (verbais e sociais) indicando que a outra pessoa está sofrendo estimulação aversiva, ou seja, deve aprender o comportamento de “deixar de fazer” quando for doloroso para o outro. Muitos dos estímulos discriminativos são suficientemente complexos e sutis tornando-se necessário um extenso treino discriminativo, para alcançar o controle social desejado. Quando o comportamento torna-se muito forte, prejudicial a outros, e parecer aos pais que a extinção não é adequada, tornar-se mais provável que usem a punição para obter o controle social.<sup>9</sup>

A punição é utilizada para conseguirmos que os outros ajam como gostaríamos, e desta maneira as ações dos indivíduos passam a ser controladas por reforçamento negativo ou punição.<sup>10</sup>

A punição ao contrário do reforço funciona com desvantagem tanto para o organismo punido quanto para a agência punidora. Os estímulos aversivos, se necessário, geram emoções, incluindo predisposição para fugir ou retrucar a ansiedades perturbadoras. A forma mais comum de controle, da vida moderna é a punição e o controle autoritário é utilizado pela família, pelos sistemas educacionais, religioso e policial.<sup>11</sup> Quando junto com um comportamento autoritário, há falta de afeto, começam a aparecer comportamentos anti-sociais. O castigo, especialmente o físico, apresenta uma ligação particularmente evidente com a agressividade das crianças, pois as crianças encontram em seus pais agressivos um comportamento a ser imitado.<sup>3</sup>

A aprendizagem social da agressão ocorre através da observação de modelos agressivo, através do processo da imitação.<sup>12</sup> Além da conduta anti-social, as crianças podem manifestar também outros problemas comportamentais e de desenvolvimento, como dificuldades acadêmicas, podendo abandonar a escola mais cedo por deficiência de aprendizagem com fracasso escolar, desencadeando a desobediência e a falta de autocontrole, que obstruem o aprendizado.<sup>13</sup>

O *déficit* em habilidades sociais para relacionar-se com os colegas, professores, familiares e ainda, a freqüente rejeição pelo grupo coloca os jovens em situações de manifestar relacionamento interpessoal pobre, apresentando comportamento agressivo e coercitivo, aumento de risco de depressão e envolvimento com grupos de rejeitados, geralmente no início da adolescência.<sup>5</sup> O comportamento anti-social segue um curso de evolução progressiva, com comportamento agressivo, *déficits* de habilidades sociais, dificuldade e fracassos escolares, comportamentos delinquentes, afiliação a pares anti-sociais e dificuldade com pares pró-sociais.

Alguns adolescentes acabam sendo interpretados como delinquentes, por apresentarem deficiência de habilidades sociais, por não conseguirem estabelecer relações com pessoas mais velhas, com a família e muitas vezes com os próprios adolescentes. Ao contrário, a aquisição de habilidades pró-sociais na adolescência, e o estabelecimento dos valores grupais do contexto social proporcionam o desenvolvimento de uma vida adulta produtiva.<sup>14</sup>

Portanto, o comportamento pró-social é a interação social de dois ou mais indivíduos. O desempenho pró-social de um indivíduo pode ser analisado a partir dos seguintes componentes comportamentais: habilidades de iniciar conversação, fazer e responder perguntas, opinar, elogiar, agradecer, recusar, manter contato visual, postura corporal adequada, autoconhecimento, auto

conceito, habilidade de resolução de problemas, empatia. É importante salientar que estas habilidades independem do potencial intelectual do indivíduo.<sup>14</sup>

Grande parte das atividades rotineiras, as pessoas tendem a repetir comportamentos bem sucedidos. O mesmo pode não ocorrer com tarefas novas, ou de maior complexidade. Nas relações interpessoais as tarefas podem ser também automatizadas, mas quando o padrão deixa de funcionar, não gerando as conseqüências esperadas, estabelece-se a necessidade de uma variabilidade de respostas.<sup>14</sup> O indivíduo acaba expressando, na ocorrência do comportamento, atitudes, valores, crenças, cognições e um estilo de interação adquirido na sua história de aprendizagem, das suas primeiras experiências de relacionamento social.<sup>14</sup>

Comportamentos categorizados como habilidades sociais podem contribuir para a competência social no sentido de produzir os resultados pretendidos na interação social.<sup>15</sup> O Treinamento de Habilidades Sociais (T.H.S.) promove ações sistematizadas para ensinar e aprimorar habilidades interpessoais, visando promover melhorias na competência individual e interpessoal de forma a capacitar os indivíduos para os diferentes contextos.<sup>4</sup>

Um Programa de T.H.S. deve incluir um conjunto de habilidades sociais como: Autonomia; HS de comunicação; HS de civilidade; HS assertivas; direito e cidadania; HS de trabalho; HS de expressão e sentimento positivos.<sup>15</sup>

A assertividade reúne comportamentos sociais esperados em situações de desequilíbrio nas trocas interpessoais, desrespeito ou ameaça de perda de direitos, com a função de restabelecer a condição anterior, caracteriza-se como enfrentamento, e envolve risco de reação indesejável do outro.<sup>14</sup> Os programas de prevenção da conduta anti-social, devem desenvolver e orientar atividades que desenvolvam competências pró-sociais, que poderiam ser nas escolas, ou locais de centros de atividades. Os autores sugerem programas para diminuir o risco de fracasso acadêmico e programas que deveriam centrar-se em aumentar as oportunidades, em promover vínculos pró-sociais, melhorar as relações da criança com a família, orientando estratégias de resolução de problemas e treinamentos em habilidades sociais.<sup>13</sup>

Cada vez mais a prevenção está ligada a processos educacionais e desenvolvimento de habilidade que permitam maior adaptabilidade às exigências do contexto social, maior articulação de programas de caráter preventivo que forneçam possibilidade de desenvolvimento de aprendizagem de comportamentos necessários ao convívio social de crianças adolescentes.<sup>16</sup>

Para desenvolver o comportamento social no contexto escolar os objetivos educacionais devem contemplar as categorias:

- 1) Organização: necessidade do grupo de buscar sua própria organização, comportamento crítico ativo e criativo do sujeito;
- 2) Cooperação: capacidade do grupo, para no momento que enfrenta um problema comum, ação conjunta dos membros, resulta em maiores benefícios para todos;
- 3) Competição: capacidade para solucionar o impasse quando há só uma recompensa disponível;
- 4) Gratificar: comportamento emitido por um sujeito no sentido de produzir recompensa para outra;
- 5) Amizade: comportamentos indicadores de amizade (aproximação, agrado, gratificação);
- 6) Respeito: respeito para os colegas, contra comportamentos preconceituosos;
- 7) Assertividade: capacidade do sujeito para assegurar se do acesso de gratificação e distanciamento em relação a situações aversivas. Defender pontos de vista e direitos, ser seletivo no relacionamento;
- 8) Tolerância: baixo nível de ansiedade na situação social;
- 9) Permeabilidade: capacidade para avaliar as críticas que outros lhe fazem e alterar o seu comportamento na direção daqueles com as quais concordar;
- 10) Responsabilidade: não fugir a responsabilidade pelos seus atos;
- 11) Liderança: entendido como comportamento que leva outros sujeitos a se comportarem de determinada forma.<sup>17</sup>

### 3. Materias e Métodos

O método para desenvolvimento deste estudo foi de pesquisa campo com intervenção, com delineamento quase experimental e análise qualitativa e quantitativa de resultados.

A amostra deste estudo foi composta por 79 adolescentes com idade entre 15 a 18 anos, estudantes do 2º ano diurno do ensino médio de um Colégio Estadual na Cidade de Curitiba. A amostra foi dividida em dois grupos, sendo um grupo experimental, composto por 41 alunos da Turma A ( 25 F e 16 M ). E um grupo controle, composto por 38 alunos da turma B (20 F e 18 M ).

Os instrumentos utilizados foram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um questionário de auto-relato - Inventário de Habilidades Sociais (IHS).<sup>18</sup> Os procedimentos realizados junto à Turma A (grupo experimental) foram: a aplicação de uma intervenção com um programa estruturado de Treinamento em Habilidades Sociais, realizado em 10 encontros semanais, com duas horas de atividade em cada encontro. Para construção do programa de intervenção foram adotados os modelos<sup>18-19</sup> com ênfase nos seguintes tópicos: auto-estima; autoconhecimento; conhecimento do outro; iniciar conversação; manter conversação; responder a perguntas; identificar sentimentos; empatia; identificar comportamento verbal e não verbal; expressar sentimento positivo; fazer pedidos; e habilidade de resolução de problemas. Os comportamentos pró-sociais esperados em sala de aula foram: prestar atenção; fazer tarefa; cooperação; solicitar apoio e cumprir regras. Todas as atividades foram filmadas e foram registradas as ocorrências de comportamentos pró-social observados em sala de aula, bem como, foi realizada observação, descrição e análise qualitativa dos comportamentos observados nas atividades dirigidas. Para mensuração dos resultados das atividades realizadas, o grupo foi avaliado com utilização do IHS no pré e no pós-teste. Com o grupo B (controle) foi aplicado o IHS na fase pré e pós-teste.

Para análise qualitativa dos comportamentos pró-sociais apresentados os alunos foram filmados também em uma atividade planejada e dirigida, desenvolvida nas classes A e B e que funcionou como Rapport e como observação dos comportamentos pró-sociais dos alunos: prestar atenção; fazer tarefa; responder quando solicitado; utilizar comportamento verbal adequado ( pedir licença, agradecer, desculpar-se, pedir por favor) ; cooperação; solicitar apoio e cumprir regras.

Para análise quantitativa dos resultados, foram utilizados o Coeficiente de Correlação de Pearson e os teste paramétricos “t de Student” e “t de Student pareado” e os não-paramétricos “Mann-Whitney”, “Wilcoxon – amostras pareadas” (através do software “Primer of Biostatistics”), “Qui-Quadrado” e Exto de Fisher” pelo software Epi-info). O nível de significância (probabilidade de significância) mínimo adotado foi 5% (0,05).

Para este artigo optou-se pela apresentação em tabelas, quadros e gráficos com análise descritiva dos resultados mais significativos que foram obtidos na pesquisa em foco.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com relação à participação dos alunos nas fases de pré e pós-teste, é possível observar que houve diferença na percentagem de alunos das duas turmas que participaram na fase de pós-teste,

sendo que apenas 73,1% do número total dos alunos estiveram presentes em sala de aula na Atividade Dirigida no Pós-Teste na turma A, enquanto na turma B 92,1% participaram desta fase, conforme pode ser visto na Tabela 1.

**Tabela 1 – Distribuição dos alunos nas atividades avaliadas**

Alunos/Atividades	Turma A	%	Turma B	%
Número Total de alunos	41	100	38	100
Avaliação Pré Teste / I.H.S.	36	87,8	32	84,2
Avaliação Pós Teste/ I.H.S.	30	73,1	29	76,3
Avaliação Pré-Teste/ obs. em sala de aula	37	90,2	34	89,4
Avaliação Pós-Teste/ obs. em sala de aula	37	90,2	34	89,4
Avaliação Pré-Teste/ Atividade Dirigida	36	87,8	32	84,2
Avaliação Pós-Teste/ Atividade Dirigida	30	73,1	35	92,1

Durante as Atividade desenvolvidas no T.H.S, foi possível identificar que alguns alunos turma A (experimental) apresentaram no início do processo, comportamento desafiador, opositor, questionando os coordenadores do grupo, comportamento este observado pelos coordenadores dos grupos. Este comportamento dos grupos poderá estar desencadeando nos professores, sentimentos, percepções e reações também de oposição nos contatos com a classe como um todo, justificando então a percepção dos professores sobre a Turma A (experimental).

Após o T.H.S, pelos dados encontrados, identifica-se uma aproximação no repertório comportamental da Turma A (experimental) com a Turma B (controle). Na Turma A (experimental) acredita-se que a melhora possa ter sido desencadeada pelo T.H.S., e pela generalização do comportamento para as demais atividades da sala de aula.

Os resultados no Escore Total do IHS (que corresponde ao conjunto de comportamentos sociais gerais), apresentados pelo grupo experimental no pré e no pós-teste, demonstraram redução

de indicação para treinamento de habilidade social em 23,4% dos participantes, e um aumento de 50% entre os participantes com resultados acima da média para HS, indicando a efetividade do treinamento, como pode ser observado na Tabela 2.

**Tabela 2. Resultado do escore Total IHS/Turma A e B /Pré e Pós Teste.**

Escore Total	Posição em Percentil	Turma A		Turma B	
		Pré-Teste	Pós-Teste	Pré-Teste	Pós-Teste
Interpretação		Participantes %	Participantes %	Participantes %	Participantes %
Repertório bastante elaborado de H.S	75 a 100	04 13,3 %	19 63,3%	10 34,4%	16 55,1%
Bom repertório de H.S	50 a 74	13	05	07	08
(acima da média)		4,33 %	16,6%	24,1%	27,5
Bom repertório de H.S	25 a 49	04	04	06	04
(abaixo da média)		13,3%	13,3%	20,6%	13,7%
Indicação para treinamento em H.S	00 a 24	09	02	06	01
		30,0%	6,6%	20,6%	3,4%
		30	30	29	29
Total		100%	100%	100%	100%

Ainda com relação ao Escore Total, a Turma A (experimental), no Pré-Teste apresentou, 30% de participantes (09) com indicação para T.H.S., e no Pós-Teste passou para 6,6% de participantes (02) indicando redução de 23,4%. Apresentou ainda no Pré-Teste 13,3% de participantes (04) com repertório bastante elaborado de H.S. e passou no Pós-Teste para 63,3% (19), com aumento de 50% na melhora do desempenho. A diferenças nos Escores Totais apresentadas na fase de pré teste e pós teste entre a Turma A pode ser observada no Gráfico 1.

Quanto ao Escore Total, a Turma B (controle), no Pré-Teste apresentou 20,6% de participantes (06) com indicação para T.H.S., e no Pós-Teste passou para 3,4% de participantes (01). Apresentou ainda no Pré-Teste 34,4% de participantes (10) com repertório bastante elaborado de H.S. e passou no Pós-Teste para 55,1% (16), com aumento de 20,7% de melhora do desempenho.

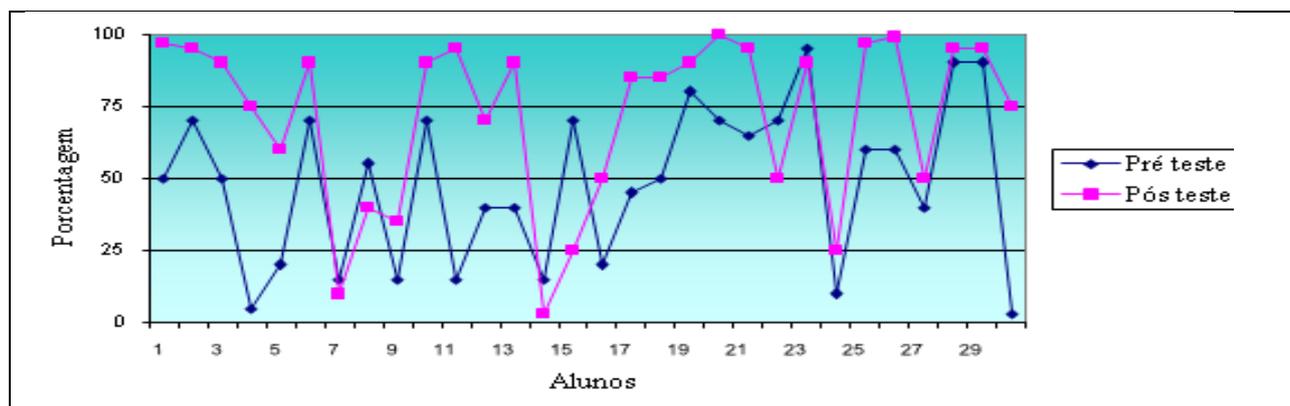


Gráfico 1. Resultado do escore Total IHS/Turma A/Pré e Pós Teste.

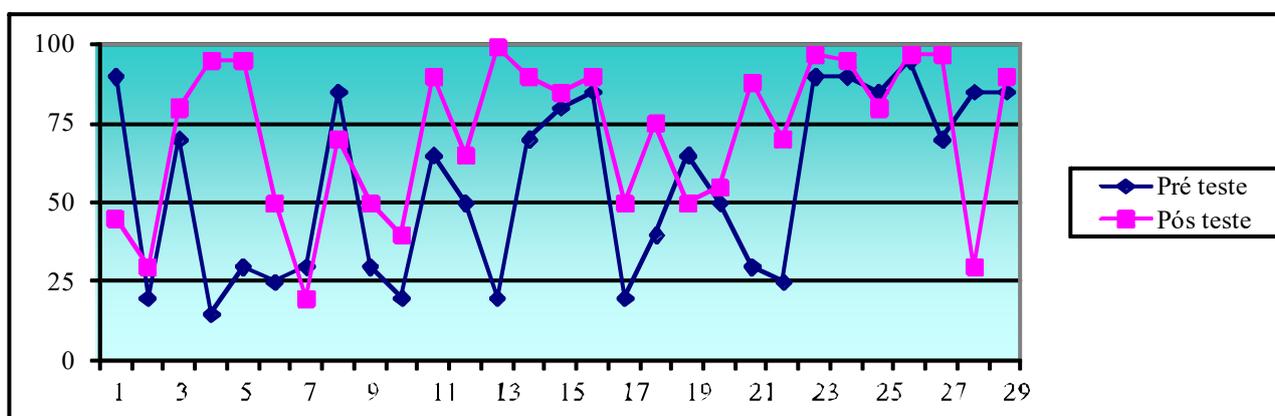
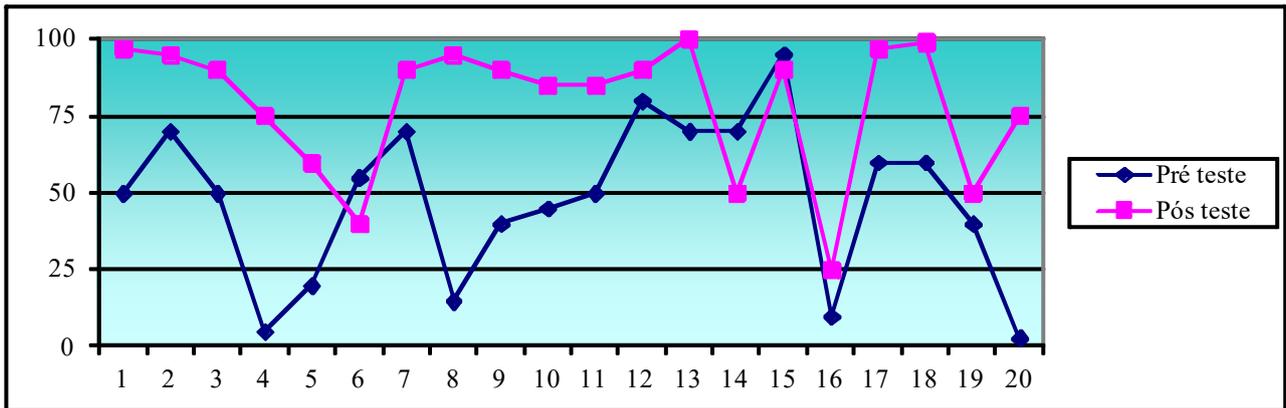


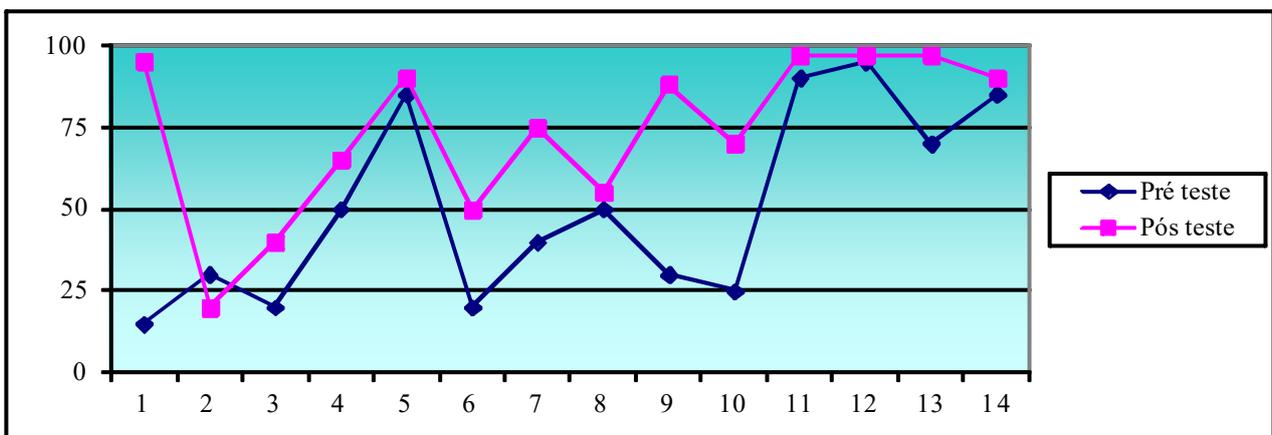
Gráfico 2- Resultado Escore Total IHS/Turma B/Pré e Pós-Teste

Ainda no Escore Total para o sexo feminino os resultados no pós-teste demonstraram redução de indicação para treinamento de habilidade social de 25% dos participantes, e um aumento de 65% entre os participantes com resultados acima da média para HS, indicando efetividade do treinamento, como pode ser observado no Gráfico 3 e Gráfico 4.



**Gráfico 3– Resultados Escore Total IHS. / Turma A / Sexo Feminino**

Comparando os resultados obtidos, pelo sexo feminino no Escore Total, observamos que A turma A (experimental), obteve no Pré-Teste 25% dos participantes (05) com indicação para T.H.S., e no Pós-Teste passou para 0,0%. Obteve ainda no Pré-Teste 10,0% de participantes com repertório bastante elaborado de HS. e no Pós-Teste passou para 75,0% dos participantes (15) com aumento de 65% na melhora do desempenho.



**Gráfico 4– Resultados Escore Total IHS. / Turma B / Sexo Feminino**

A turma B ( Controle), obteve no Pré-Teste 21,4% dos participantes (03) com indicação para T.H.S. e no Pós-Teste passou para 01 participante, 7,1% com indicação para T.H.S. No Pré-teste apresentou (04) 28,5% de participantes com repertório bastante elaborado de HS. e no Pós-Teste passou para 57,1% dos participantes (08) com aumento de 28,6% na melhora do desempenho.

A diferença da melhora do desempenho para repertório bastante elaborado de H.S., comparando a Turma A (experimental) e a (Turma B controle), no Escore Total foi de 29,3%, indicando mudança no repertório de auto relato do Inventário de HS. Após análise dos Escores Totais, apresentaremos os resultados de alguns fatores do Inventário de Habilidades Sociais (I.H.S.)<sup>15</sup>.

No Fator 2 – **Auto afirmação na expressão de sentimento positivo** - a Turma A (experimental), no Pré-Teste apresentou 53,3% (33,3%+20,0%) de participantes (16) abaixo da média para bom repertório de H.S., e no Pós-teste diminuiu para 26,6% (08), apresentou no Pré-teste 46,6% (26,6% + 20,0%) de participantes (14) com repertório acima da média para bom repertório de H.S. e no Pós-Teste 73,3% (33,3%+40,0%) de participantes (22) acima da média para bom repertório de H.S., com um aumento de 26,8% na melhora do desempenho para o Fator 2.

A Turma B (controle), no Pré-Teste apresentou 30,9% (24,1% +6,8%) de participantes (09) abaixo da média para bom repertório de H.S., e no Pós-teste diminuiu para 27,5% (08), apresentou no Pré-teste 68,8% (41,3% + 27,5%) de participantes (20) com repertório acima da média para bom repertório de H.S. e no Pós-Teste 72,3% (44,8% + 27,5%) de participantes (21) acima da média para bom repertório de H.S. Estes resultados podem ser vistos no Gráfico 5.

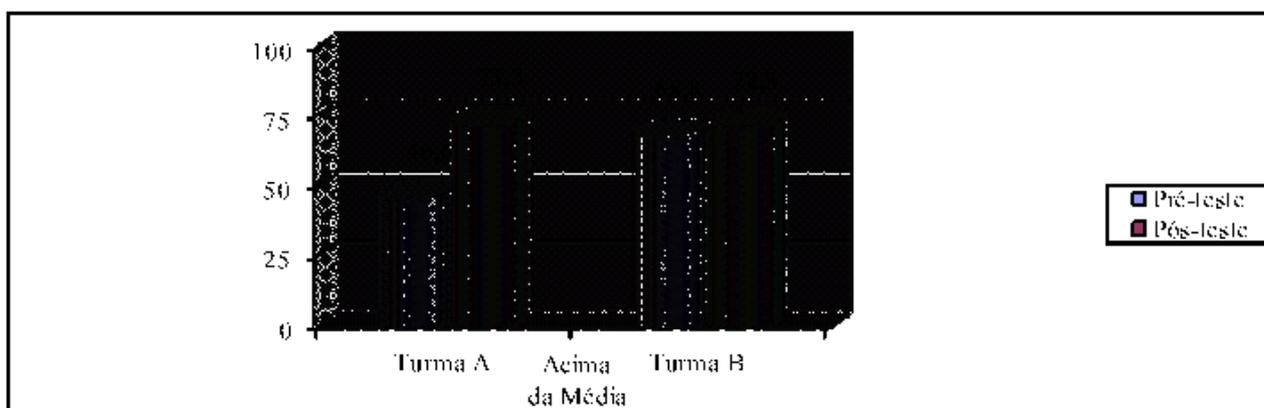


Gráfico 5 – Resultado IHS / Fator 2 / Turma A e B / Pré e Pós-Teste

A diferença observada nos resultados apresentados demonstra que para o item auto afirmação na expressão de sentimento positivo, o T.H.S. planejado e executado mostrou-se eficaz para o desenvolvimento deste fator.

A possibilidade de um encontro, através de dinâmicas de grupos que possibilite a exposição verbal de sentimentos com aceitação e compreensão por parte dos colegas, possibilitou o exercício da expressão de sentimentos e ainda a generalização para outras situações.

No IHS, fator 4 - **auto exposição a desconhecidos e situações nova** – a média dos resultados no pós teste demonstraram melhora do desempenho para HS, na turma experimental tanto do masculino como do sexo feminino, como pode ser observado no Gráfico 6

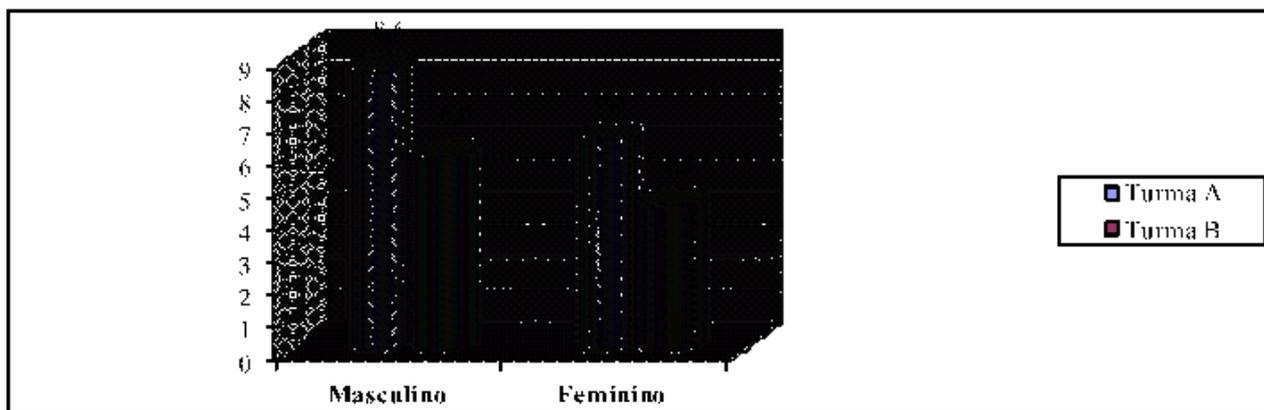
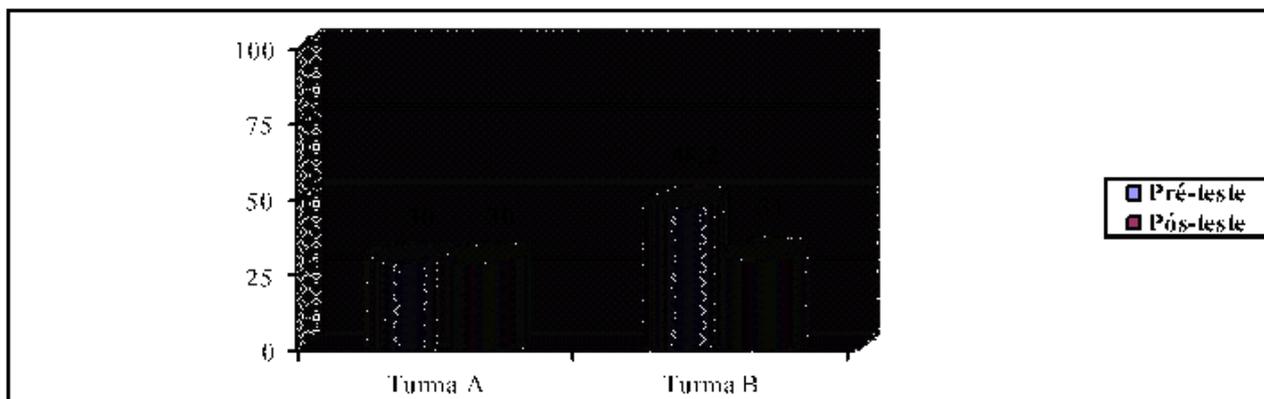


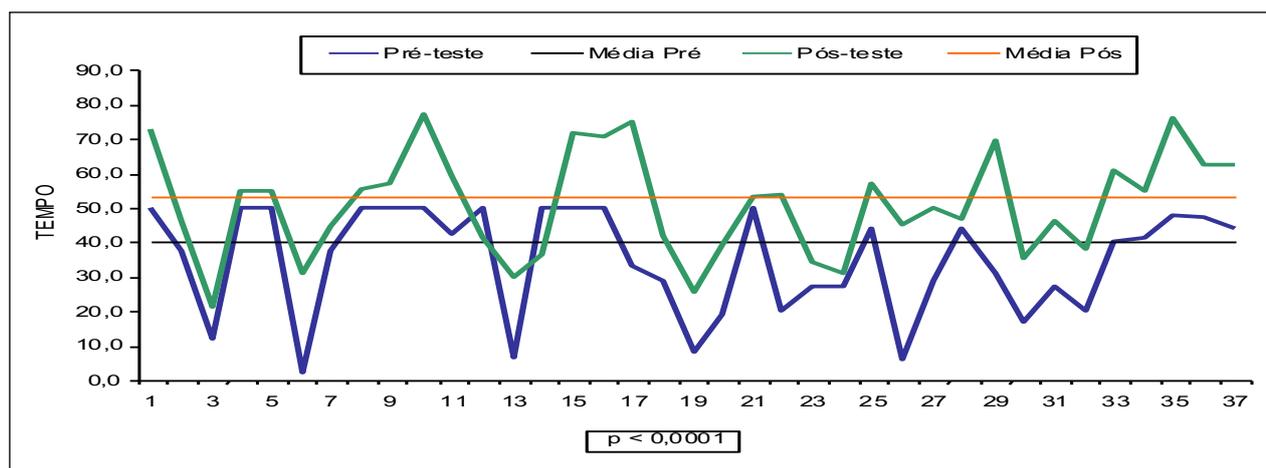
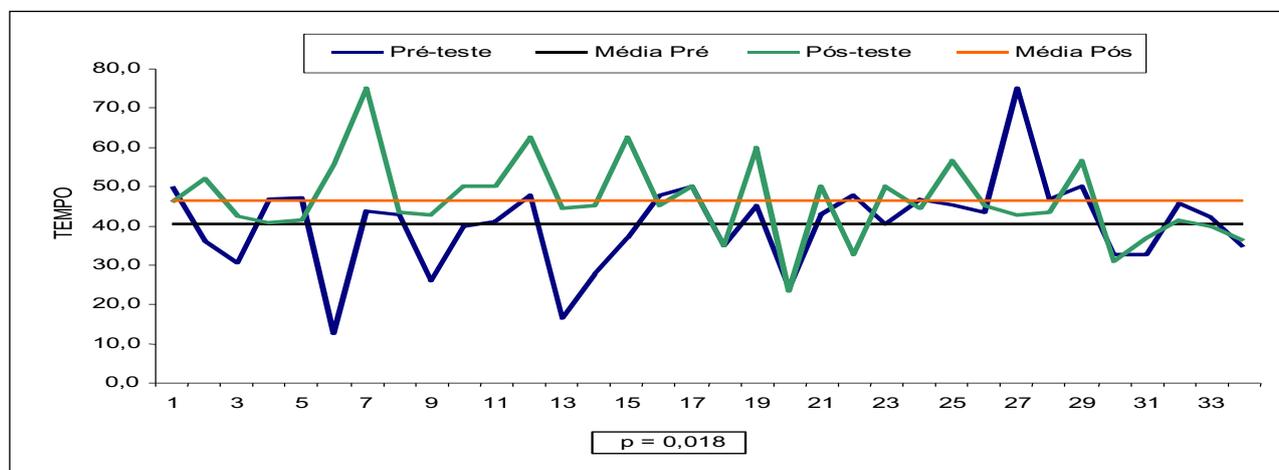
Gráfico 6 – Resultados do I.H.S. / Média do Fator 4 / Turmas A e B / Masculino e Feminino / pós teste.

No IHS, fator 5 - **auto controle da agressividade**, a média dos resultados do pós teste demonstraram que ocorreu redução do controle da agressividade, na turma controle, e que na turma experimental ocorreu manutenção do auto controle de agressividade, conforme pode ser visto no Gráfico 7.



**Gráfico 7 – Resultados do I.H.S. / Fator 5 / Turma A e B / Pré e Pós-Teste**

No registro da ocorrência de comportamentos pró-sociais observados em sala de aula, os resultados apontaram para o aumento do tempo em comportamentos pró-social, quando comparados os resultado no pré e pós teste de 40,0 para 53,3 na turma A experimental. Na turma B controle a variação dos 40,0 para 43,3. Estes dados podem ser observados no Gráfico 8 e no Gráfico 9.

**Gráfico 8 – Resultados Brutos / Tempo em Segundos / Comportamento Pró-Social Pré e Pós-Teste Turma A / Médias****Gráfico 9 – Resultados Brutos / Tempo em Segundos / Comportamento Pró-Social Pré e Pós-Teste Turma B / Médias**

Além das medidas já apresentadas realizou-se uma descrição do comportamento dos grupos durante atividade dirigida. O grupo experimental apresentou no pré teste comportamento mais

reservado ,com “ formação de panelinhas”, participação ativa e agressiva ; no pós teste apresentou comportamento mais solto ,descontraído e participativo com maior integração entre os colegas a ocorrência de comportamento de auto exposição verbal.

## 5. CONCLUSÃO

A pesquisa demonstrou a efetividade do programa de treinamento de Habilidades Sociais para o aumento de emissão de comportamentos pró-sociais em um grupo de adolescentes em seu contexto escolar. No Escore total, após o treinamento, observou-se melhora significativa do desempenho em HS, identificou-se também um melhor desempenho dos adolescentes do sexo feminino. Identificou-se uma melhora no desempenho para HS para auto-afirmação de sentimento positivo - Fator 2 do IHS, bem como, para a auto-exposição a desconhecidos e a situações novas- Fator 4 do IHS.

Quanto ao Fator 5 do IHS – auto controle da agressividade - os resultados demonstraram que o grupo controle, que não passou pelo treinamento, apresentou uma redução desta habilidade social.

Os resultados demonstraram efetividade do treinamento para a ocorrência de comportamentos pró-sociais em sala de aula, os resultados demonstraram. A turma experimental apresentou um aumento do tempo de comportamentos pró-sociais, em atividades normais de sala de aula. Diante dos resultados obtidos nesse estudo, sugere-se a implantação de atividades de treinamento em habilidades sociais, no currículo escolar, em período anual, como uma estratégia de prevenção de comportamentos anti-sociais e para aquisição de repertório comportamental pró-social.

A implantação de atividades de treinamento em habilidades sociais com os professores e com os pais poderá proporcionar grande benefício para os relacionamentos sociais. É importante assinalar que a escola proporciona um lugar privilegiado para intervenção preventiva secundária e terciária na conduta social, permitindo intervir em múltiplos contextos, com alunos, professores e famílias.

Salientando ainda a necessidade de desenvolvimento de estratégia de prevenção e intervenção enquanto os comportamentos anti-sociais ainda não estejam instalados.

Novos estudos sobre a instalação e a manutenção do comportamento pró-social no contexto escolar se fazem necessários para o aprimoramento de estratégias a serem desenvolvidas, inclusive na formação de professores.

## 6. REFERÊNCIAS

1. Skinner BF. Ciência e comportamento humano. 10.ed. São Paulo: Martins Fontes;1998.
2. Branco AVA. Comportamento pró-social: análise conceitual e variáveis correlatas. Arquivos Brasileiros de Psicologia. 1983; 10, (1), 43-61.
3. Cubero R, Moreno, MC. Relações sociais nos anos pré-escolares: família, escola, colegas.In: Coll C, Palacios J. (orgs.). Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artmed; 1995. v.1. p. 83-103.
4. Caballo VE. Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento. São Paulo: Santos; 1999.
5. Patterson GR, Reid J, Dishion TJ. Antisocial boys. EUA: Castalia Publishing Company; 1992.
6. Bussab VSR. O desenvolvimento de comportamentos pró-sociais na criança: considerações sobre a natureza dos fatores e dos processos envolvidos. Temas de Psicologia. 1997; (3). 19-26.
7. Newcombe N. Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen. 8.ed. Porto Alegre: Artmed;1999.
8. Schafer J, Karlins M. Manual de Persuasão do FBI. São Paulo: Universidade dos livros; 2015.
9. Staats AW, Staats CK. Comportamento humano complexo. São Paulo: E.P.U. Coleção Ciências do Comportamento; 1973.
10. Sidman M. Coerção e suas implicações. Campinas: Editorial Psy; 1995.
11. Skinner BF. Ciência e comportamento humano. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes;1994.
12. Bandura A, Ribes IE. Modificación de conducta: análise de la agresion y da delinqüência. Buenos Aires: Trillas; 1975.
13. Kazdin AE , Buela-Casal G. Conducta antisocial: evaluation, tratamiento y prevención en la infancia y adolescência. Madrid: Piramide; 1998.
14. Del Prette ZAP, Del Prette A. Competência Social e Habilidades Sociais: Manual teórico prático. Petrópolis RJ: editora Vozes; 2017.
15. Del Prette ZAP, Del Prette A. Inventário de habilidades sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001<sup>a</sup>.
16. Ingberman YK. O estudo de padrões de interação entre pais e filhos: prevenção da aquisição de comportamentos desaptados, embasamento para a prática clínica. In: Guilhardi HJ e cols. (orgs.). Sobre comportamento e cognição. Expondo a variabilidade. Santo André, SP: ARBytes; 2001.
17. Duran AP. Comportamentos sociais como objetivo educacional. Psicologia. 1976; 2, (1), 29-69.
18. Del Prette ZAP, Del Prette A. Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação. Rio de Janeiro: Vozes; 1999b.
19. Falcone EMO. Grupos, In: Rangé, B.(org.). Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicação e problemas. Campinas, SP: Editorial Psy. 1998; p.159-169.